

Práticas intergeracionais e Longevidade

Intergenerational practices and Longevity

Prácticas intergeneracionales y Longevidad

Flamínia Manzano Moreira Lodovici
Sonia Azevedo Menezes Prata Silva Fuentes
Nadia Dumara Ruiz Silveira
Maria Helena Villas Bôas Concone

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa sobre a importância de práticas intergeracionais junto a pessoas longevas. Jovens em situação de vulnerabilidade social, frequentadores de uma instituição, o Projeto Quixote, são orientados para assumir o papel de agentes socioculturais, quando partilham com idosos, frequentadores do Centro-Dia Pasárgada, de atividades de ocupação do tempo livre. Tendo como meta a reaproximação de membros de ambas as gerações, foi desenvolvida uma pesquisa-ação, de caráter educacional, sendo aplicado o método qualitativo à luz da fundamentação gerontológica, complementado pela observação-participante, com registro em Diário de Pesquisa. A metodologia previu uma série de Oficinas, que foram sendo, no seu decorrer, avaliadas, sofrendo as mudanças necessárias. Os resultados, sob o olhar dos participantes, apontaram as oportunidades intergeracionais como muito bem-sucedidas, além de promissoras porque fundadas na fraternidade, sendo capazes de aproximar jovens e idosos, e especialmente mudar seu cotidiano de vida.

Palavras-chave: Práticas intergeracionais; Atividades socioculturais; Ocupação produtiva do tempo livre; Velhice.

ABSTRACT: *This article aims to present the results of a research about the importance of intergenerational practices with longevity people. Young people in socially vulnerable situations, who go to an institution, the Quixote Project, are oriented to take on the role of socio-cultural agents when they share activities with the elderly in the Pasárgada Day-Care Center. Aiming at the rapprochement of members of both generations, an educational action research was developed, and the qualitative method was applied in light of the gerontological foundation, complemented by the participant observation, registered in the Research Journal. The methodology foresaw a series of workshops, which were evaluated throughout the course, undergoing the necessary changes. The results, in the eyes of the participants, pointed out the intergenerational opportunities as very successful, as well as promising because they are founded on fraternity, being able to bring young and old together and change their daily life.*

Keywords: *Intergenerational practices; Sociocultural activities; Productive occupation of free time; Old age.*

RESUMEN: *Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una investigación sobre la importancia de las prácticas intergeneracionales con personas a largo plazo. Los jóvenes en situaciones de vulnerabilidad social que acuden a una institución, el Proyecto Quijote, están orientados a asumir el papel de agentes socioculturales cuando comparten actividades con los ancianos en la guardería Pasárgada. Con el objetivo del acercamiento de los miembros de ambas generaciones, se desarrolló una investigación de acción educativa, y el método cualitativo se aplicó a la luz de la base gerontológica, complementada por la observación participante, registrada en el Research Journal. La metodología preveía una serie de talleres, que fueron evaluados a lo largo del curso, experimentando los cambios necesarios. Los resultados, a los ojos de los participantes, señalaron las oportunidades intergeneracionales como muy exitosas, además de prometedoras porque se basan en la fraternidad, en la capacidad de unir a jóvenes y mayores y cambiar su vida cotidiana.*

Palabras clave: *Prácticas intergeneracionales; Actividades socioculturales; Ocupación productiva del tiempo libre; Vejez.*

Introdução

Verifica-se, no mundo contemporâneo, uma tendência para o distanciamento entre os homens: parece que não se busca a preservação de laços afetivos; tampouco a vontade de manutenção de vínculos sociais duradouros. A instabilidade das relações impera neste mundo volátil e recheado de incertezas. A moderna condição humana é permeada pelo imediatismo, consumismo, perda das tradições, colocando em risco o respeito à integração social, à participação comunitária, à identidade cultural, tal como o enfatiza Batista (2014), a partir de estudiosos como Ander-Egg (1999, 2008); Lopes (2007; 2008a, 2008b); Tracana (2006); Ventosa (2006, 2007). Batista (2014) complementa que tal problemática ganhou expressão na “(...) passagem de uma sociedade localizada (em que as identidades se confinavam, basicamente, ao território e à língua) para uma sociedade globalizada (em que as identidades passaram a apresentar um caráter transterritorial, multilinguístico e multimídia), assente em redes de comunicação virtuais”.

A falta de referências, a dependência tecnológica, e a quebra de tradições evidenciadas pelo mundo líquido (Bauman, 2001, 2005), contribuíram especialmente para aumentar a distância e a separação entre as gerações, em que o resultado é o empobrecimento da experiência humana. Todos acabam perdendo; em vez de se valer das oportunidades de uma vida cotidiana compartilhada, cada pessoa vai buscando as próprias vias para um melhor ajuste de sua situação à realidade vivenciada.

Justamente para se contrapor a essa tendência, em que os mais prejudicados são os idosos, é que se propôs uma pesquisa-ação, de caráter educacional (Fuentes, 2018a), da qual se extraiu este artigo, quando foram aproximadas duas gerações, a de velhos e jovens. A meta é a compreensão adequada de uma a outra geração, decorrente da convivência feliz em atividades práticas orientadas para um desenvolvimento conjunto, tal qual o trataram Silveira, Lodovici, Pinto, & Bitelli (2013).

O objetivo geral do estudo foi capacitar jovens em situação de vulnerabilidade social, frequentadores de uma instituição, o Projeto Quixote¹, como agentes

¹ O Projeto Quixote é uma ONG (Organização Não Governamental, na modalidade OSCIP, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), funcionando desde 1996, com a missão de motivar crianças e jovens em vulnerabilidade social, para construírem uma outra história de suas vidas. O Projeto Quixote funciona em cinco

socioculturais, para uma ocupação produtiva de seu tempo livre e a dos velhos frequentadores do Centro-dia Pasárgada.² Como objetivos específicos: (i) de início, sensibilizar os jovens para refletirem sobre a velhice e o envelhecimento, mediante a criação de eventos específicos para os quais foram convidados; (ii) envolver os referidos velhos para participarem de atividades desenvolvidas no Projeto Quixote (do que resultou a denominação “atividades quixotescas”), criadas particularmente a essa população, acreditando-se em sua ativa participação e colaboração; (iii) capacitar tais jovens sensibilizados do Projeto Quixote para trabalharem ativamente com o segmento idoso, partilhando ambos das mesmas atividades.

Na metodologia aplicou-se o método qualitativo, complementado pela observação-participante, e se valendo do instrumento etnográfico do Diário de Pesquisa, prevendo-se uma série de ações práticas subsumidas em trinta Oficinas de Atividades, em prol de uma reaproximação de pessoas de dois segmentos etários, momentos em que, se os jovens poderiam se dar conta de que os idosos similarmente ao que lhes ocorre, passam também por problemas inquietantes necessitando do apoio de outras gerações.

Acreditou-se que ganhos poderiam advir desse encontro, fundados no exercício do sentimento da fraternidade – da concebida, neste estudo, como fraternidade intergeracional, ideias estas que foram introduzidas durante o desenvolvimento da pesquisa: atividades práticas envolvendo jovens e velhos que foram experimentadas, passando a um só tempo por uma contínua avaliação, e que foram recebendo, no seu decorrer, a incorporação de pequenas mudanças, como se explicitará adiante. A fraternidade intergeracional, neste estudo, foi pensada no sentido de Bauman (2005, p. 16): “(...) o símbolo de se tentar alcançar o impossível: diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos”.

A fundamentação teórica se baseou no pensamento de estudiosos, dentre outros, Foucault, Agamben, Arendt, Bauman, especialmente por serem autores que

frentes, cinco Programas: o Pedagógico; o Clínico, o de Atenção à Família, o de Formação para o Mundo de trabalho, e o de Refugiados Urbanos.

² O Centro-Dia Pasárgada é um serviço social de interesse da área da saúde. Está previsto na Política Nacional do Idoso como uma estratégia para garantia dos direitos dos idosos mesmo dependentes. Atende pessoas com 60 anos ou mais de ambos os sexos, em situação de fragilidade e que necessitam de cuidados durante o dia, e que voltam para suas casas à noite a fim de manter os vínculos sociais e familiares; familiares que recebem orientações sobre os cuidados necessários com seus idosos de casa.

validam a importância de ações sociais com a atuação primordial de agentes transformadores, nelas acreditando.

Durante experiências acadêmicas anteriores, ao visitar Instituições de Longa Permanência para Idosos (Fuentes, 2010, 2015), era muito comum que se deparasse com salas povoadas por velhos sentados, quase imobilizados diante de um aparelho de televisão. A imagem dessas ILPIs era a de estagnação: pela limitação própria da velhice; pela limitação de espaço e ambiente; pela limitação material e de energia vital. A imagem de um isolamento individual, compondo uma imagem de isolamento coletivo (Markarian, Silveira, Mercadante, & Lodovici, 2015).

Decorreu desse fato a escolha da metodologia no sentido de movimentar esses idosos, por meio da criação de uma série de Oficinas de Convivência Intergeracional, em um total de trinta, de periodicidade semanal, entre jovens e pessoas idosas. As oficinas viriam a contribuir, de fato, para a ressignificação de toda a pesquisa antes iniciada, conforme o novo percurso trilhado: uma escuta aberta aos velhos e seu sofrimento. Esperava-se que a dinâmica das Oficinas pudesse propiciar um “tempo de lucidez” que confrontasse a escuridão do “lugar nenhum” da demência que havia tomado a maioria dos velhos moradores ou frequentadores de instituições asilares.

A oportunidade de mergulhar no universo das Instituições e Centros-dia que recebem o segmento idoso levou a reflexões que se explicitam em torno de algumas questões aqui colocadas: A que se deve esse estado de apatia e tristeza quase intermitente verificado nos velhos? Gostariam eles de experimentar encontros com pessoas jovens? Participar de atividades outras? Adentrar noutros espaços? Com relação aos jovens, questões também se colocavam: Como veem o envelhecimento, a velhice? Como veem a relação entre eles, jovens, e as pessoas de idade mais avançada, muitas delas dependentes?

A hipótese deste estudo é que envelhecer não deixa de comportar perdas e um certo desligamento do real; na vida dos velhos, como de todo o ser humano, mortes sucessivas vão deixando sua marca; afinal, as perdas são inexoráveis à vida humana como afirma Messy (2001). Entretanto, se reacendido o desejo de buscar novas experiências e novas possibilidades de sentir alegria, poder-se-iam abrir novos sentidos para o cotidiano asilar. Enquanto houver um abrir-se à vida, novas oportunidades podem acontecer; esse abrir-se à vida vai ao encontro das ideias da pesquisadora citada a seguir, quando aponta que isso nem sempre é fácil, mas

possível: “Abrir-se à vida é dispor-se a enfrentar todas as adversidades, com a alegria dos que fazem dessa aliança um aumento da potência de agir, inventando novas formas de existência” (Tótorá, 2016).

Assim é que, buscando, criando e/ou desenvolvendo novas técnicas e atividades para os velhos juntos aos jovens, apostou-se em seguir uma trilha que valorizasse novas formas de viver cotidianamente a juventude e a velhice. Para isso, seria necessário que, de início, os jovens voltassem seu olhar para os idosos – justamente o que é discutido na próxima parte a seguir.

De como os jovens começaram a olhar os velhos...

Como iniciar a reflexão, nesta pesquisa, sobre os jovens? Pretendia-se visitá-los no espaço do Projeto Quixote e convidá-los para as atividades de Sensibilização e posteriormente, de participação nas Oficinas, quando poderiam ser capacitados para atuarem com idosos em práticas socioculturais. Questões, então, se colocaram: - Como os jovens veriam a velhice e o envelhecimento? Os idosos lhes são presenças constantes ou lhes são invisíveis ou vice-versa? Eles reconheceriam os velhos, em uma existência produtiva possível na sociedade? Estariam os jovens predispostos para trabalhar com idosos? Desejariam abarcar o desafio que as gerações mais velhas colocam, para o presente e o futuro próximo, à sociedade da qual esses jovens fazem parte?

O envelhecimento crescente da população, segundo Abreu (2017)³, implica muitas mudanças em todas as esferas da sociedade, nas famílias, inclusive nas empresas quanto a estratégias nas ações para garantir o atendimento às necessidades e exigências, ao consumo enfim, desse segmento da sociedade. Entre 1960 e 2010, segundo o IBGE, a população do Brasil cresceu 170% e a de velhos cresceu 521%. As projeções são impactantes: até 2050, segundo a OMS, o mundo terá 2 bilhões de idosos.

Camarano e Kanso (2004) afirmam que esse aumento do segmento idoso fará com que, na virada do século, a população brasileira de idosos apresente um crescimento oito vezes maior quando comparado às taxas de crescimento da

³ Maria Célia de Abreu é gestora e coordenadora do IDEAC, Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico. Recuperado em 01 janeiro, 2016, de: em: <https://ideacblog.wordpress.com/2017/01/31/voce-e-jovem-mas-vai-trabalhar-com-a-velhice/>.

população jovem. De acordo com dados do IPEA/BRASIL (2010, p.51), se a atual dinâmica for mantida, já a partir de 2030, o total de idosos ultrapassará o número de jovens entre 15 e 29 anos (Kuchemann, 2012).

Se em 2010, a expectativa de vida para o homem era de 76 anos e para a mulher, 78 anos, faz-ver que a longevidade só tende a se estender no decorrer das próximas décadas em nosso país. Grupos privilegiados da sociedade têm acesso, mais que os demais, às informações sobre saúde, higiene, hábitos saudáveis, e a expectativa é de isso se acelere muito mais, conforme afirma Abreu (2017).

Ainda segundo a pesquisadora, os jovens precisam ficar atentos a essa nova realidade, pois haverá uma demanda crescente de oportunidades antes inimagináveis: profissionais diversos vão descobrir maneiras criativas de trabalhar com, e para, o segmento idoso. Haverá profissionais preparados para atender adequada e suficientemente tal demanda sempre crescente? Os jovens de hoje conseguem enxergar essa fatia de consumidores, carente de profissionais capacitados para a ela fornecer atendimento, serviços, produtos...?

Importa esta reflexão sobre ser pertinente e relevante pensar nessa lacuna existente na sociedade, a nosso ver. Lacuna já indiciada em pesquisa anterior, em que se constatou não só a falta de pessoal habilitado para trabalhar com idosos nas ILPIs e Centros-dia, mas também a falta de atividades adequadas a serem oferecidas aos idosos. A maioria das Instituições proporciona a televisão como passatempo, um modo de ocupar o tempo livre dos residentes idosos que vão se imobilizando, silenciando-se. Torna-se, pois, um grande desafio escutar suas vozes caladas, decifrar os desejos adormecidos, conectá-los novamente a seu *conatus*.⁴

A fim de estar à altura de tal desafio, uma das novas formações alinhadas à atual realidade dos idosos foi, para os jovens aqui envolvidos, capacitar-se para atuarem como agentes socioculturais de idosos.⁵ A maioria das pessoas nessa função é constituída de jovens orientados para trabalharem com crianças, jovens ou idosos,

⁴ *Conatus* aqui entendido no sentido de Espinosa (2012): a essência do corpo, força para existir, potência para agir.

⁵ O conhecimento sobre essa nova profissão se deu em estágio de doutorado desenvolvido em Portugal em 2014, quando uma das autoras teve contato com as atividades da chamada “Animação Sociocultural”, enquanto atividade de intervenção social, educativa e cultural, muito desenvolvida naquele país, definida por Ander-Egg (1986, p. 125), como “um conjunto de técnicas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, tem como finalidade promover práticas e atividades voluntárias” (...), ou “como uma criação frente às atonias do corpo social” (1999, pp. 69-77). Realiza-se por meio de uma grande variedade de atividades, que podem classificar-se em cinco grandes categorias, compreendendo uma amplíssima diversidade de ações socio-educativo-culturais, não se restringindo a um campo único de intervenção (podendo ser implementadas no âmbito do lazer, da escola, dos sindicatos, da família, enfim, em qualquer espaço possível de educação), e sendo compreendidas por uma pluralidade de áreas de conhecimento (Trindade, Conde, & Pocinho, 2017).

na verdade profissionais técnicos, que na Europa usualmente são denominados de “animadores”, ou “agentes, socioculturais”. Estes buscam desenvolver atividades diversificadas, individualizadas e/ou grupais, em uma determinada comunidade (escola, creche, asilo, uma instituição), de acordo com as preferências dos pertencentes a ela, considerando suas histórias e singularidades.

A esse conhecimento da formação do agente sociocultural, no decorrer de nossas pesquisas, passou-se a conhecer o Projeto Quixote, paralelamente ao Centro-Dia Pasárgada; a partir dessa articulação de conhecimentos advindos destes encontros é que se vislumbrou a possibilidade de envolvimento de jovens e idosos em um projeto comum, numa dinâmica que pudesse ser mobilizadora às suas forças criativas.

Um desafio possível que poderia colaborar para a construção de uma nova realidade para ambos os segmentos etários, justamente no sentido de vencer o fosso cada vez maior entre as gerações. Conforme Ferrigno (2009), tal distanciamento pode ser decorrente de vários fatores: áreas segregadas na cidade: ora para crianças; ora para jovens, ora para idosos; a conseqüente falta de interesse por outra pessoa; os espaços reservados para idosos na família, entre outras causas.

Tal como afirma Arendt (2014), o que torna tão difícil de suportar nas sociedades de massas não é o número excessivo de pessoas, mas, sim, que o mundo perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras.

Se difícil é haver contato entre os corpos (Espinosa, 2012) – que diria assumir o desafio para conectar jovens e idosos? Como fazer isso num mundo habitado por tantos preconceitos e estigmas: jovens ativos *versus* velhos passivos? Jovens cheios de vida *versus* velhos próximos à morte? E como seria possível proporcionar um encontro entre essas duas gerações? Caso se atendessem aos moldes de Espinosa (2012), seria em um bom encontro... em que, segundo ele, o bem e o mal estivessem associados à potência do encontro de corpos; quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia, outra ideia, tais partes se juntariam para formar um todo mais potente. E o contrário, também poderia acontecer: quando um decompõe o outro destrói-se a união de suas partes. Complementa Tótora (2016) que os efeitos dessas relações são afetos de alegria ou tristeza, conforme as relações se compõem ou se decompõem.

Ao mesmo tempo em que Espinosa (2012) aposta a favor da vida, contrapõe-se a tudo que nos separa dela: ódio, mal, culpa, pecado, enfim, todo o tipo de tristeza.

A partir de reflexões dessa natureza é que nos vem à mente a tristeza emoldurada no rosto de muitos velhos residentes em Instituições, visitadas durante a pesquisa, quando não se tem como evitar os efeitos do afirmado por Oliveira (2000, p. 8): “Todo o sentimento triste diminui nossa força para existir, nossa potência para agir”. Diante disso, só se pode torcer por, e buscar promover, bons encontros, encontros repletos de alegria e de energia.

Seria possível infundir as ideias de Espinosa (2012) nos contatos, nos encontros entre jovens e idosos? No encontro dos corpos? Afetá-los de forma a aumentar em ambos, sua potência de existir/agir? Quando o filósofo sustenta seu pensamento, ou seja, sua filosofia em prol da alegria – acredita ele, que só a alegria compõe com nossa natureza e aumenta nossa força para existir ou nossa potência para agir, sendo-nos por isso, útil e boa. E como se faz para injetar alegria nos idosos? Promover bons encontros nos moldes de Espinosa (2012)?

O que mais chamou a atenção nessa empreitada, e na dinâmica percebida ao mergulhar nesse universo quixotesco, foi o comprometimento de todos os envolvidos no Projeto. E, seguramente, caso se pudesse definir essa experiência em uma palavra para representar o Projeto Quixote, a aposta seria quanto ao acolhimento – na aceitação incondicional do outro. Como diria Arendt (2014) quando fala da aceitação da posição do outro como uma virtude política - um ato de solidariedade. E no Quixote a aceitação de cada jovem que lá chega é incondicional, e se dá na prática pelo acolhimento. Um acolhimento que visa a ganhar a confiança necessária para o educar. Um educar no sentido de Freire (1997), quando diz: “Não se pode falar de educação sem amor”. Acima de tudo, prevalece a preocupação ímpar de resgatar o brincar primordial - condição humana perdida muitas vezes por essa infância e adolescência que vive uma outra realidade. E através do brincar, tal como pontua Benjamin (1983) é que a criança e jovens absorvem os efeitos das estratégias para seu socializar. Aprendem a dividir e a compartilhar seus sentimentos, seus desejos, suas dificuldades.

Todas essas ações aconteceram e acontecem durante as atividades, nas diferentes oficinas, nesses encontros. Como cita o educador e filósofo espanhol, Larrosa Bondía: “É na experiência que se valoriza aquilo que nos toca, nos atravessa e nos afeta. Um afetar recheado de amor. E, nesse afetar durante a experiência é que adquirimos o conhecimento (...). (Larrosa Bondía, 2002, p. 21). Segundo ainda o

autor, a experiência é o contrário da informação. Daí termos nos orientado para estas práticas intergeracionais a partir desse pensamento de Larrosa Bondía.

Ao idealizar as Oficinas para sensibilizar e capacitar os jovens quanto à temática da velhice e do envelhecimento, priorizou-se para que cada jovem passasse igualmente pela experiência com a velhice e acordasse para o que ele estava passando, o que o afetava, ampliando-se, assim, as possibilidades de ação: oficinas desenhadas, antes que para os idosos, para os jovens que nelas encontram o autoconhecimento e novas formas de interagir com a vida.

A metodologia foi baseada na teoria da Pesquisa-Ação⁶, em que se pôde prever uma série de atividades no formato de oficinas que, no decorrer do tempo, permitem que sejam testadas e alteradas, adaptadas às demandas que forem surgindo durante sua aplicação. Segundo Tripp (2005), é fundamental o reconhecimento da pesquisa-ação como uma das diversas modalidades de “investigação-ação” - termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre *agir* no campo da prática e *investigar* a respeito dela. Segundo ele, planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais no decorrer do processo seja a respeito da prática seja a própria investigação.

Foram realizados mais de trinta encontros semanais – geralmente às quartas-feiras, das 9h00 às 11h30, de 16 de março de 2016 a 14 de dezembro de 2016, quando diversas oficinas foram experimentadas pelos jovens – quando se deu por cumprida a tarefa inicial da pesquisa: a de sensibilizar os jovens quanto à temática da velhice e do envelhecimento, o que poderia, a seguir, favorecer as relações entre as gerações, a dos jovens que foi orientada para acolher e atuar junto aos idosos, em atividades tão urgentes e necessárias, como acreditamos, nos dias de hoje. Lembrando que, nesse percurso, os caminhos seguiram várias etapas:

De início, foram priorizadas atividades que proporcionassem o autoconhecimento dos jovens: o exercício de si para si mesmo, o refletir sobre si

⁶ Não há certeza sobre quem postulou a Metodologia da Pesquisa-Ação. Atribui-se a criação do processo a Lewin (1946), talvez o primeiro a empregar o termo, mas que pode tê-lo encontrado antes na Alemanha, num trabalho em Viena, em 1913 (Altrichter, & Gestettner, 1992). Versão alternativa é a de Deshler e Ewart (1995), que sugerem que a Pesquisa-Ação foi utilizada por John Collier, para melhorar as relações inter-raciais, em nível comunitário, quando era comissário para Assuntos Indianos, durante a Segunda Guerra Mundial; Cookes (s.d.) parece oferecer vigoroso apoio a isso. A seguir, Selener (1997) assinala que o livro de Buckingham (1926), **Research for teachers [Pesquisa para professores]**, defende um processo reconhecível como de Pesquisa-Ação. Disponível em: <http://w0www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em 21 março, 2017.

mesmo, perceber-se como agente possível de mudança pessoal. O que pode um corpo?, a questão subjacente a essas oficinas... várias foram as práticas permeadas de exercícios de cinesiologia⁷ e autorrelaxamento.

Na medida em que os jovens experimentavam as Oficinas e as atividades propostas, percebeu-se que não só eles se davam conta de suas capacidades pessoais, mas que essa autoconfiança contribuiu para movê-los em prol da descoberta de suas capacidades de criação, quando ora experimentavam as oficinas, ora recriavam outras. Nesse momento, a autoestima começou a se elevar. Com um envolvimento maior com o grupo e com a energia vital de cada um.

O segundo passo da pesquisa teve o objetivo de sensibilizar os jovens quanto à temática do envelhecimento e da velhice. Para isso, houve a apresentação de vários filmes ligados a tais problemáticas, seguidos de discussão e reflexão.⁸

Em seguida, foram convidados os idosos do Centro-dia Pasárgada para participarem das atividades intergeracionais, quando vários eventos se realizaram, compreendendo visitas organizadas no próprio Projeto Quixote, por meio de: - um sarau de diversas temáticas com a presença de jovens e idosos; - um encontro culinário, em que incluíam os jovens na confecção de biscoitos diversos; - visitas orientadas ao Parque da Aclimação; e também ao Centro-dia Pasárgada, onde jovens e velhos puderam experimentar na prática, a afetação resultante desses encontros de corpos, os afetos resultantes dos bons encontros: durante os vários momentos de interação/integração dos jovens com os idosos, o amor pelo próximo, a paciência, a resiliência se revelaram. Naqueles instantes, percebia-se que os jovens podem promover bons encontros, podem afetar os idosos e transformar suas energias, dando um novo sentido a suas vidas. Nos encontros, cada jovem nos surpreendeu ao demonstrar uma enorme capacidade de afetar e ser afetado por aquele conjunto de forças, na experiência. Todos os encontros previstos: da Maturidade no MUBE, encontros no Centro-dia Pasárgada, no Parque da Aclimação, o Sarau no Projeto Quixote, e a festa de Natal, com ambas as gerações interagindo uma em favor da outra, foram exemplos inesquecíveis, bons encontros permeados de afeto.

⁷ A cinesiologia é a ciência que tem como enfoque a análise dos movimentos do corpo humano. O nome cinesiologia vem do grego *kínēsis*=movimento+*logos*=tratado, estudo. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao-fisica/o-que-e-cinesiologia/> 5699. Acesso em 21 março, 2017.

⁸ Dentre os filmes possíveis, valemo-nos dos seguintes: (1) *Mary and Max*, sobre uma amizade um tanto diferente. Direção e roteiro: Adam Elliot. Austrália: Gaumont, 2009. 92 min. (2) *Up – nas alturas*, com direção de Pete Docter e Bob Peterson, EUA, 2009.

Resultados

Segundo os objetivos iniciais, ocorreu a sensibilização dos jovens para as questões do envelhecimento e da velhice; verificou-se sua aderência e mobilização às reflexões que estavam sendo feitas, ocorrendo imediatamente seu engajamento às atividades propostas, ou seja, a criação e oferta de oportunidades socioculturais para os idosos, ligados ao Centro-dia Pasárgada. Ações que visavam à aproximação aos idosos, sua integração a atividades conjuntas, visando à consequente redução de inatividade cotidiana e o ganho de sentido para a vida de ambos.

Sensibilização dos jovens

Esta etapa mostrou que, de parte dos jovens, de início havia muitas dúvidas pairando no ar, ansiedade sobre o que iriam cursar. Além da evidente distância entre esses jovens e idosos, com os primeiros imaginando que seriam capacitados para cuidar dos segundos: do seu físico, de sua higiene: dar banho, arrumar, alimentar... Verificou-se que o imaginário social da velhice, para esses jovens, vinculava-se à ideia preconceituosa de que velho é imprestável, improdutivo e doente. Após essa etapa de sensibilização, os jovens ressignificaram seus olhares sobre os idosos: *“Esse curso mudou muito meu pensamento sobre como envelhecer.”* (TY, 17 anos)

Especialmente a oportunidade de as pesquisadoras verificarem as mudanças produzidas:

“Como disse, não gostava de idosos, e isso pra mim foi fase e, ao saber que todos os dias estou envelhecendo e amadurecendo cada vez mais...porque estou adorando de coração....e vendo o mundo com outro olhar.” (TA, 17 anos)

A constatação de como é desconhecido o universo da velhice à juventude:

“Entrei quando o curso já estava em andamento, mas não sabia muito bem o que eu estava fazendo ali... logo após os primeiros encontros, percebi que o curso não era nada do que eu estava pensando, e sim totalmente ao contrário.” (CA, 16 anos)

O poder de se sensibilizar diante da apresentação de um filme:

“Já havia visto várias vezes o filme Mary e Max porque o tema TEA sempre me chamou a atenção. No entanto, depois que tive contato com o filme dentro de uma perspectiva de como se dá o envelhecimento e suas questões, tive um novo enfoque sobre a questão... Passei a enxergar mais os idosos durante minha rotina, vê-los pela cidade e o quanto muitas vezes passam despercebidos.” (AL, 32 anos)

Aderência

O grupo teve início com oito jovens (dois rapazes e seis moças) e terminou com cinco jovens (um rapaz e quatro moças). Parece que, conforme o tempo transcorria, os jovens iam se sentindo mais e mais à vontade dentro do grupo, apesar de três desistências durante os primeiros meses. Entretanto, os cinco jovens, que finalizaram estavam comprometidos e presentes. Salvo uma jovem que não faltava, mas chegava sempre atrasada, apesar de demonstrar forte interesse nas atividades: *“Essa Oficina é da hora”!* (L, 17 anos)

A diversidade das intervenções e atividades desenvolvidas parece que foi crucial para uma boa aderência:

“O Curso para mim foi uma experiência muito boa, e ainda é. Para mim foi um dos melhores cursos – diferente e interessante.” (TY, 17 anos)

“Cada experiência vivida nesse tempo foi única, os encontros que nos ensinou a como tratar, ajudar, ensinar e incentivar os idosos, cada “aula prática” realizada com eles, como na Virada da Maturidade, e no Centro dia Pasárgada. E, cada vez que vamos e nos aprofundamos no assunto, melhor fica.” (CA, 16 anos)

A possibilidade de ajudar, ao invés de ser ajudado em jovens em situação de vulnerabilidade social, parece despertar uma sensação de empoderamento nos jovens:

“Agente sociocultural foi um dos cursos que mais me prendeu pelo fato, de vários assuntos que nos interessa bastante, e várias experiências novas. Eu nunca pensaria em fazer algo que pudesse ajudar o próximo.” (TA, 17 anos)

Mobilização-conjunta de jovens e idosos

Durante os encontros, as Oficinas, os jovens eram estimulados a estudar, a ler livros relacionados ao tema e a buscarem informações em outras fontes, observarem os idosos nas ruas, em família, na comunidade, além de serem instruídos a criarem novas Oficinas, novas atividades e intervenções. Enquanto isso, educadores do Projeto Quixote se mobilizaram pela causa e se manifestaram:

“Ainda me falta uma dedicação maior para entender as peculiaridades, mas fico feliz por ter tido a chance de pensar sobre o assunto com mais seriedade...estou disponível sempre para aprender mais” (A, 32 anos, educador)

“Eu participei do processo como professor de dança, preparando os jovens...para uma apresentação de dança – um trabalho voluntário...” (T, 40 anos professor de dança)

Adesão

Verificou-se que o interesse, a vontade dos jovens e dos idosos iam crescendo, conforme os encontros aconteciam, com a troca intergeracional ocorrendo harmonicamente. Nos últimos meses de atividades, sentiu-se uma adesão maior à causa, que foi se evidenciando cada vez mais: jovens mostrando interesse em trabalhar como *jovem-aprendiz* nos Centros-dia; jovens voluntariando-se para trabalhar como auxiliares no evento *Virada da Maturidade*; outros desenvolvendo material de trabalho de modo muito criativo, ansiando entrar no mercado

gerontológico. Um pequeno passo, perto daquilo que se idealizou inicialmente, mas um ganho imenso em termos de aproveitamento de conhecimento sobre a velhice e o envelhecimento, o entendimento sobre as possibilidades de envelhecer com dignidade e sentido na vida. Expressões de carinho e afetividade se manifestavam durante os encontros:

“Recebi conhecimentos teóricos sobre os idosos, como eles são a respeito da saúde mental e física (doenças, manias, características das pessoas). Aprendemos técnicas como: subjetividade e memória, caixa lúdica, cognição e memória, emoções sonoras e mágicas etc. Em cada uma das várias oficinas fomos incentivados a criar e estudar, pesquisar sobre as atividades para desenvolver nossa forma de expressão com os idosos.” (MA, 16 anos)

“Antes não gostava muito de idosos... Mas, ao contrário, tudo mudou. Aprendi a dialogar mais com eles e me sinto super bem ao lado deles... e espero aprofundar cada vez mais, nesse projeto porque estou adorando de coração....e vendo o mundo com outro olhar.” (CA, 17 anos)

“Comecei a notar que vivemos em uma sociedade cheia de pessoas que a cada dia tem uma expectativa de vida maior mas que não tem espaços pensados para tal população. Passei a enxergar mais os idosos durante minha rotina, vê-los pela cidade e o quanto muitas vezes passam despercebidos... Dentro das minhas possibilidades, estou disponível sempre para aprender mais.” (Zé Luiz, 32 anos)

“O trabalho realizado com os jovens junto com os idosos foi uma experiência única – fez uma transformação com os jovens e com a terceira idade.” (T, 40 anos)

“Fomos para diversos lugares como o Dia do idoso, no MIS (Museu da Imagem e do Som), MUBE, ajudamos a comandar e ensinar os idosos a fazer atividades artísticas e lúdicas sempre com o dever de melhorar o desempenho deles. Estágiamos na casa Centro-dia Pasárgada... Mais do que tudo aprendemos dar mais valor para cada ser humano! Assim como dar valor a esta troca de amor entre idosos e jovens!” (MA, 16 anos)

“Cada experiência vivida nesse tempo foi única, os encontros que nos ensinou a como tratar, ajudar, ensinar e incentivar os idosos, cada “aula prática” realizada com eles, como na Virada da Maturidade, e no Centro-dia Pasárgada. E, cada vez que vamos e nos aprofundamos no assunto, melhor fica.” (CA, 17 anos)

“Vejo esse trabalho como uma mandala humana – de complementação: assim como o sol e a lua, o dia e a noite – um símbolo de união. Gostei muito de participar dessa equipe, ajudando os jovens e os idosos” (T, 40 anos)

Acertos e erros

É importante pontuar o sucesso que algumas Oficinas alcançaram. Um exemplo marcante foi a Oficina culinária ocorrida no Projeto Quixote, uma oficina que veio unificar interesses geracionais – o que, constituiu, se colocado ao olhar de Ferrigno (2009), uma das condições facilitadoras para a aproximação entre as gerações – a oportunidade de potencializar a expressão-conjunta entre jovem e idoso. De um lado, uma idosa do Centro-dia Pasárgada e de outro, jovens do Projeto Quixote. Convidamos a senhora de 86 anos para ensinar os jovens a fazerem biscoitos. Uma ação que produziu: deslocamento, adaptação, empoderamento da idosa, alegria, socialização e afetividade entre todos os participantes. Durante essa experiência, foi observada a instalação e a predominância das relações igualitárias entre velhos e mais jovens. Lembramo-nos de Bosi (2003), ao esta afirmar que, quando duas culturas se apresentam como diferentes formas de existir, a diversidade se revela como algo que nos acrescenta, nos modifica, sem imposição, uma oportunidade de incorporar novos conhecimentos.

Esse evento foi considerado o primeiro de uma série de outros “bons encontros”, quando a alegria e a afetividade experimentada por ambos os grupos foi relevante. Sem combinar, ao final do encontro, os jovens pediram para que houvesse o registro fotográfico daquele momento. Sem cerimônia, os seis jovens presentes rodearam a idosa e todos juntos abraçaram-se, em uma imagem de afeto plena de vida e potência. Os jovens revelavam uma amorosidade que antes pareciam desconhecer:

“Essa velhinha é muito boa... ela nem parece a idade que tem.”

(L, 17 anos)

“Que delícia de dia. Queremos que ela venha sempre aqui no Quixote.” (TY, 17 anos)

“A senhora bem que podia ser nossa vizinha...” (SHI, 16 anos)

“Nossa que biscoito maravilhoso. Que delícia!” (MA, 16 anos)

“Adorei esse dia, essa experiência!” (TA, 17 anos)

Similarmente, um brilho novo surgia no olhar da idosa confeitadeira: *“Gostei muito de ter vindo aqui nesse lugar. Posso voltar outras vezes. Gostei muito desses meninos. Quando é que eu vou voltar e fazer mais biscoitos?”* (Selly, 86 anos).

Houve um encontro com outro modo de existência que resultou em alegria e afetos. De acordo com Tótora (2016), não existe receita para as alegrias, que são experimentadas nos encontros. Potência e ato coexistem, pois “toda a potência é inseparável de um poder de afetar e ser afetado”, ressalta a autora.

Certamente, há ainda muitas resistências a serem vencidas, e vários fatores a serem superados que contribuem para o distanciamento entre as gerações. Não se propiciam encontros dessa ordem nas comunidades. As festas de bairro acabam priorizando áreas reservadas para crianças, jovens, entre asilos, creches e locais de lazer - mostrando que o distanciamento entre as gerações enfraquece a transmissão do conhecimento entre eles. Foi confirmado tal distanciamento, quando a pesquisadora, visitando alguns NCIs (Núcleos de Referência para idosos) do estado de São Paulo, viu pouco movimento intergeracional. Mesmo onde outros equipamentos voltados aos jovens e/ou adolescentes estão presentes, e/ou próximos (Pesquisa Unesco, 2017). “As gerações não devem viver segregadas em espaços exclusivos”, aponta Ferrigno (2009), tal como já o afirmara Arendt (2014), sobre a incapacidade de manter as gerações juntas, de se relacionar umas às outras.

Não é fácil provocar encontros intergeracionais; dá trabalho envolver jovens com idosos; salvo algumas iniciativas, há pouco incentivo a esses encontros. A maneira comum de viver é conviver com uma pseudo-invisibilidade dos velhos – diante dos jovens e da sociedade em geral (Moscovici (2003). Contrariamente ao colocado, há também a indiferença dos velhos em relação aos jovens. Uma segregação realizada pelo próprio idoso, com relação aos jovens.

Outro grande desafio foi o de estimular a criatividade nos jovens envolvidos. Mas a impressão é que eles esperavam um material pronto, um manual, uma cartilha; foi cedido um pequeno roteiro de algumas oficinas para lhes servir como apoio. Deixou-se bem claro que esse material poderia e deveria ser modificado, alterado de acordo com as circunstâncias e de acordo com a singularidade de cada participante. E que se esperava que fossem ousados, que criassem outras oficinas e outras intervenções que fizessem sentido àqueles a que se destinem.

Vale ressaltar que algumas oficinas e atividades foram criadas originalmente inspiradas pelo universo do Projeto Quixote, cujo ambiente nos encanta com seus múltiplos grafites e pinturas coloridas. Dentro dessa perspectiva, uma das Oficinas “Pintar uma porta” foi fruto dessa vivência. Outra oportunidade de incluir as tintas nas atividades foi a oportunidade de prepararmos, juntos, as camisetas (pintando-as com técnicas de manchar), customizando nossa roupa para apresentarmos no *show* de Natal, quando cada jovem criou sua arte na sua camiseta. Pintar camisetas e manchá-las, poderia ser também uma fonte de renda para esses jovens. Assim como confeccionar seu próprio material de mágico – com técnicas de aproveitamento de sucata –, poderia ser outro motivador para revelar seu trabalho de “mágico amador”.

Desdobramentos

Após algumas visitas dos jovens do Projeto Quixote ao Centro-dia, durante cerca de três meses, trabalhando como voluntários orientados pela pesquisa, surgiu o interesse da direção do Centro-dia Pasárgada em contratar dois jovens aprendizes para o quadro de funcionários, com início em 2017. Acreditamos que esse acontecimento demonstra um desdobramento positivo da pesquisa.

Em seguida, houve a publicação, em forma de um caderno de atividades, das atividades realizadas nos encontros (Fuentes, & Lodovici, 2018b).

Considerações finais

Consideramos como valor e importância deste estudo: ser um passo inicial, uma abertura para novas reflexões, para novas oportunidades, para que haja mais e mais novos e bons encontros intergeracionais, e novos campos de trabalho para os

jovens e para os idosos, juntos. Esperamos que os jovens do Projeto Quixote continuem motivados e apostando no seu *conatus* (na sua força e energia), acreditando no seu valor como agentes transformadores, e que também encontrem sentido e alegria em seu papel de cidadãos co-produtores de uma nova existência.

Como ganho secundário, um dos benefícios deste trabalho foi a oportunidade que os jovens ganharam de se envolverem com a preparação de seu próprio envelhecimento. Experimentando os ritmos e as perdas alheias, eles poderão conviver de forma mais leve com sua velhice.

Um dos benefícios do idoso, ao conviver com o jovem, é a oportunidade de recuperar a energia que ainda reside na sua alma de velho. As memórias afetivas da juventude são armas poderosas e auxiliares – instrumentos valiosos que podem contribuir para ressignificar e validar a vida – dando-lhe novo sentido.

Pode-se dizer que o *conatus* de ambos os segmentos (jovens e velhos) foi efetivamente ativado. De um lado, jovens repletos de energia para agir, conhecer e aprender – revelando, desse modo, um novo apetite para a vida. Os velhos que, a partir desses encontros com os jovens, encontraram forças para continuar suas existências, ou seja, continuar sendo o que são, afirmando sua existência e as relações que eles próprios articulam.

A partir dos depoimentos de profissionais envolvidos, dos idosos, e dos próprios jovens do Projeto Quixote, a intervenção desta pesquisa-ação foi realizada com esforço e bem-sucedida em seus resultados. A contratação dos dois jovens-aprendizes para comporem o quadro de funcionários do Centro-dia Pasárgada no ano de 2017, veio confirmar o sucesso da pesquisa.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa, de reunir e aplicar estratégias em novas ações para a formação de jovens, a fim de que assumam o papel de agentes socioculturais de idosos, a nosso ver, foi cumprido. Novas experiências como estas precisam ser reaplicadas, no sentido de se recuperarem as relações intergeracionais.

Referências

- Agamben, G. (2010). *O que é contemporâneo?* Chapecó, RS: Argos.
- Ander-Egg, E. (1986). *Metodologia y Practica de la Animacion Sociocultural*. Buenos Aires, Argentina: Humanitas.

Ander-Egg, E. (1999). *O Léxico do Animador*. Amarante, ANASC, Associação Nacional dos Animadores Socioculturais.

Ander-Egg, E. (2008). A Animação Sociocultural e as perspectivas para o século XXI” In: Pereira, J. D. L., et al. *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*, Chaves, Intervenção, Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, pp. 19-32.

Arendt, H. (2014). *A condição humana*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

Batista, A. M. R. R. (2014). Animação Sociocultural: imprecisões, ambiguidades, incertezas e controvérsias de uma ocupação profissional. *Fórum Sociológico*, 25(1), 23-31. Recuperado em 01 julho, 2018, de: <https://journals.openedition.org/sociologico/898>.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Benjamin, W. (1983). *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo, SP: Sumais Editorial.

Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade-lembranças de velhos*. São Paulo, SP: Cia das Letras.

Camarano, A. A., & Kanso, S. (2010). As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. São Paulo, SP: *Rev. Bras. Estud. Popul.*, 27(1). Recuperado em 18 março, 2014, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982010000100014>.

Espinosa, B. (2012). *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução e notas de Emanuel Rocha Fragoso, Luís César Oliva. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Foucault, M. (2004). *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Fuentes, S. A. M. P. S. (2010). *As Várias Faces do Cuidar de Si*. Dissertação de mestrado em Gerontologia. São Paulo, SP: Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Fuentes, S. A. M. P. S. (2015). *Geras Vitallis – um estudo pela compreensão e pelo conhecimento a partir de uma experiência em uma Instituição de Longa Permanência*. São Paulo, SP: Tese de doutorado em Psicologia Clínica/PUC-SP.

Fuentes, S. A. M. P. S. (2018a). “Sensibilizar, capacitar e reinventar – para um programa de boas práticas cotidianas, a partir de relações intergeracionais entre jovens em situação de vulnerabilidade social e idosos fragilizados”. Relatório final de Pós-Doc (mimeo). Supervisão: Lodovici, F.M.M. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/FACHS/PUC-SP.

Fuentes, S. A. M. P. S., & Lodovici, F. M. M. (2018b). *Tecendo o chamado de Atena e Aracne: Atividades em Oficinas desenhadas para o segmento idoso, v. 1*. São Paulo, SP: Portal Edições, ISBN: 978-85-69350-17-0.

- Kuchemann, B. A. (2012). Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. Brasília, DF: *Soc. Estado*, 27(1), 165-180. Recuperado em 28 março, 2017, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000100010&lng=en&nrm=iso.
- Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. Recuperado em 28 março, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>.
- Lopes, M. de S. (2007). Animação Sociocultural em Portugal. In: Animador Sociocultural. *Revista Iberoamericana*, 1(1), outubro de 2006 a fevereiro de 2007. Recuperado em 01 fevereiro, 2018, de: www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/pdf/ac105.pdf.
- Lopes, M. de S. (2008a). Os Perfis Profissionais da Animação Sociocultural em Portugal. In: Ventosa, V. (2008). *Los Agentes de la Animación Sociocultural: el Papel de las Instituciones, de la Comunidad y de los Profissionais*, Madrid, España: Editorial CCS, pp. 457-485.
- Lopes, M. de S. (2008b). A Animação Sociocultural: os velhos e os novos desafios. In: Pereira, J. D. L., et al. (Coords.). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*, Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, pp. 147-158.
- Markarian, F. de J. P., Silveira, N. D. R., Mercadante, E. F., & Lodovici, F. M. M. (2013). Instituições de Longa Permanência para Idosos como espaço socioeducacional: desafios e perspectivas. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(1), 361-376. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. Recuperado em 01 julho, 2018, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/30110-80058-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/30110-80058-1-SM%20(1).pdf).
- Messy, J. (1999). *A pessoa idosa não existe. Uma abordagem psicanalítica da velhice*. (2ª ed.). José de Souza e Mello Werneck, Trad. São Paulo, SP: Aleph.
- Moscovici, S. (2003). Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Oliveira, C. W. (2000). Espinosa: um Pedagogo da Alegria. São João Del-Rei (MG): *Revista Eletrônica*, 2, 45-55. Recuperado em 1 julho, 2016, de: <http://www.funrei.br/publicações/>.
- Silveira, N. D. R., Lodovici, F. M. M., Pinto, F. S., & Bitelli, G. (2013). Atividades educacionais participativas e seus efeitos benéficos, na vida pessoal e social, de pessoas idosas — caso da Faculdade da Idade da Razão (FIR/FIG/UNIMESP). São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(3), 325-343. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. Recuperado em 1 julho, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/18683/13881>,
- Tracana, M. E. (2006). A importância do Animador na Sociedade Atual. In: *Anim'arte: Revista de Animação Sociocultural*, XIV(61), 12-13. Recuperado em 01 julho, 2018, de:
- Tótorá, S. (2016). *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo, SP: EDUC/FAPESP.

Trindade, B., Conde, M. J., & Pocinho, R. (2017). *Estudo da importância da animação sociocultural em contexto educativo*. Escola Superior de Educação / Agrupamento de Escola Nuno Álvares Universidade de Salamanca Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal. Recuperado em 01 julho, 2018, de: http://quadernsanimacio.net/anteriores/veintiseis/index_htm_files/Estudo%20da%20importancia.pdf.

Tripp, D. (2005). *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Universidade de Murdoch. São Paulo, SP: *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443-466. Recuperado em 01 julho, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>.

Ventosa, V. J. (Coord.). (2006). *Perspetivas actuais de la Animación Sociocultural: cultura, tiempo libre y participación social*. Madrid, Editorial CCS.

Ventosa, V. J. (2007). Animação Sociocultural na Europa. In: A. N. Peres, A. N., & Lopes, M. de S. *Animação Sociocultural – Novos Desafios*, Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia (APAP), pp. 201-220.

Ventosa, V. (2008). *Los Agentes de la Animación Sociocultural: el Papel de las Instituciones, de la Comunidad y de los Profissionais*, Madrid, España: Editorial CCS, pp. 457-485.

Recebido em 01/10/2018

Aceito em 30/12/2018

Flamínia Manzano Moreira Lodovici – Linguista. Professora Assistente Doutor da FAFICLA/PUC-SP. Docente, pesquisadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/FACHS/PUC-SP.

E-mail: flalodo@terra.com.br; flodovici@pucsp.br

Sonia Azevedo Menezes Prata Silva Fuentes – Psicóloga. Pós-doc em Gerontologia, Doutora em Psicologia Clínica, Mestra em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail: soniapratafuentes@gmail.com

Nadia Dumara Ruiz Silveira - Pedagoga. Doutora em Ciências Sociais, USP. Mestre em Ciências Sociais, PUC-SP. Docente e pesquisadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados

em Educação: Currículo, PUC-SP. Líder do grupo de pesquisa Educação, Longevidade e Qualidade de Vida, PUC-SP.

E-mail: ndrs@pucsp.br; ndrs@uol.com.br

Maria Helena Villas Bôas Concone – Antropóloga. Profa. Titular do Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais/PUC-SP. Docente, Pesquisadora, nos Programas de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP e em Gerontologia/FACHS/PUC-SP.

E-mail: mhconcone@yahoo.com.br